

## 1. Introdução

No fim do ano de 2019, na cidade de Wuhan (China), foi apontado o primeiro caso de ocorrência do vírus chamado Covid-19. É originário de morcegos, tendo sofrido mutação e passado a infectar também humanos. As pesquisas apontaram que essa mutação foi um processo natural, não induzido pelo homem em laboratórios (FIOCRUZ, 2020). Até junho de 2021, o número de mortos pelo vírus estimado era de 3,81 milhões de pessoas. No entanto, o Instituto de Métricas e Avaliação de Saúde (IHME), da Universidade de Washington, nos Estados Unidos, estimou que o número de mortos estava sendo subnotificado, chegando a cerca de 6,9 milhões até maio de 2021 (CNN, 2021). Tal diferença se deu pela subnotificação ocorrida em países, que tinham dificuldades em reconhecer de forma concreta a ocorrência da doença no início.

A pandemia ocorrida trouxe uma série de alterações para a sociedade, que precisou se adaptar com agilidade para não acentuar as consequências do vírus. As mudanças se deram em aspectos sociais, profissionais, econômicos, políticos, e até em questões ambientais e climáticas. Inicialmente, houve a necessidade de distanciamento social em muitos países que apresentam muito contágio, servindo como modelo para todos os demais países. Com isso, muitas pessoas precisaram isolar-se do convívio com os demais, ou ao menos o fizeram de forma limitada. A medida, também chamada de *lockdown*, fez com que o acesso a meios digitais (celulares, computadores e outros aparelhos) fosse mais utilizado no sentido de aproximação e entretenimento.

Com a necessidade de isolamento, o formato de trabalho passou a ser em tempo reduzido e/ou em regime de *home office*. Em muitos países, por conta da incerteza e da necessidade de parar algumas atividades (lazer, por exemplo, como restaurantes, bares, casas de show...), houve redução nos postos de trabalho, resultando em aumento nas taxas de desemprego. Isso levou a um episódio ruim na economia de alguns países, marcado pelo desemprego. No Brasil, a taxa de desemprego atingiu durante a pandemia um índice mais elevado que na sua pior recessão (FOLHA, 2020). Como agravante do desemprego, bem como casos de inflação, ocorreu aumento da fome. Um exemplo disso se dá nas crianças, que deixaram de ir às escolas, onde tinham acesso a refeições diariamente, e (as de baixa renda familiar) incorrendo no risco de insegurança alimentar (USGLC, 2021).

Todos esses fatores alteraram a dinâmica do consumo no planeta, inclusive no Brasil, fosse pela alteração nos níveis de renda nacional ou pelo novo formato em que a sociedade estava inserida. De qualquer forma, realizar um isolamento emergencial, no meio do ano, foi

contra o ritmo da sociedade, pautado principalmente num ritmo de produção, trabalho e consumo exagerado.

Os efeitos desse ritmo econômico, adotado pela sociedade desde a Revolução Industrial, são tanto sociais quanto ambientais. É sabido internacionalmente que o planeta se encontra em risco por conta do ritmo atual, o que tem envolvido alterações climáticas e ocorrência de fenômenos climáticos. Há um apelo não recente, inclusive, pela redução das emissões de gases poluentes e de quaisquer outras atividades nocivas ao meio ambiente.

Com base nisso, este trabalho pretendeu discutir como a pandemia iniciada em 2019 refletiu nos padrões de consumo da sociedade, especialmente no Brasil, considerando as alterações nos aspectos econômicos e sociais, bem como na sustentabilidade. Para isso, foram elencadas as alterações gerais.

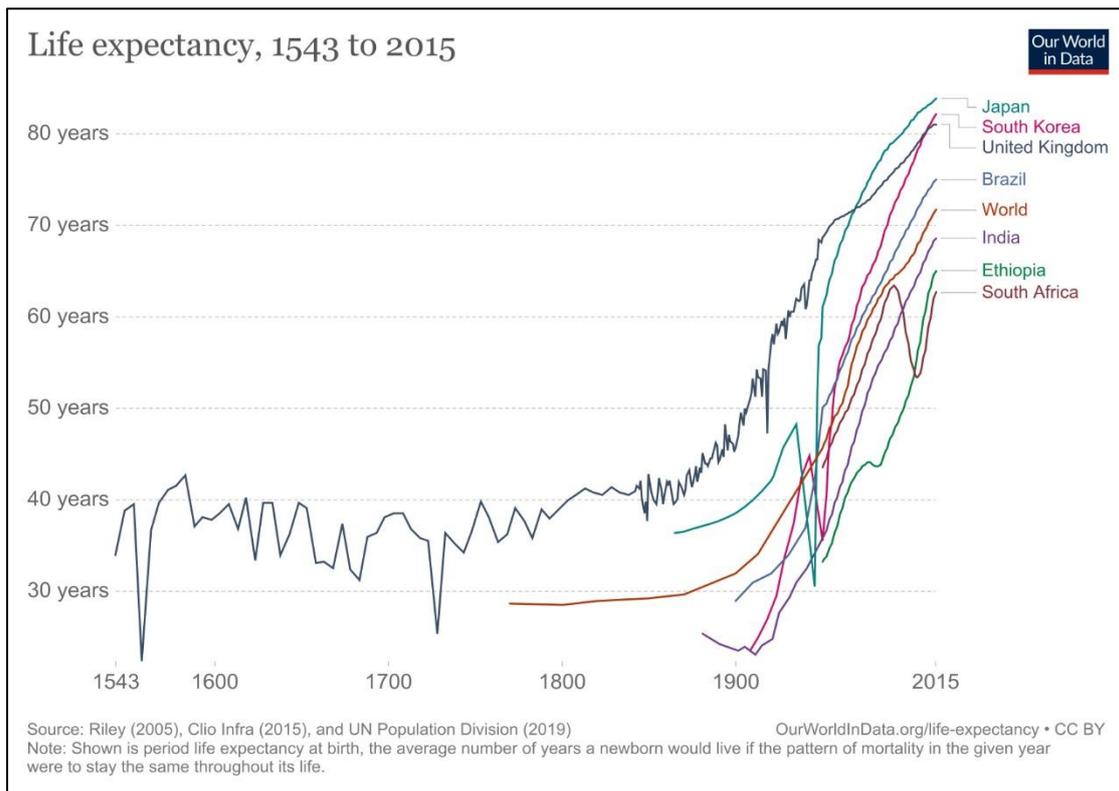
A metodologia adotada é caracterizada como exploratória, já que pretendeu “proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (GIL, 2002, p. 41). Em sua realização, foram consideradas as fases da pesquisa científica, se utilizou do método indutivo e empregou técnicas da Pesquisa Bibliográfica, do Referente, da Categoria e do Conceito Operacional propostos por Pasold (2018). Foram consultados, no decorrer da pesquisa, dados e eventos que possam ter relação com os objetivos pactuados, observados através de estudos científicos, artigos e notícias.

O artigo possui, além desta primeira seção, uma segunda seção, que discute de forma conceitual os aspectos do consumismo e da sociedade de consumo, bem como suas implicações na sustentabilidade; uma terceira seção, que aborda a pandemia causada pelo vírus Covid-19 e seus impactos no padrão de consumo da sociedade, bem como na própria sustentabilidade, e, por fim; a apresentação das considerações finais extraídas das informações do trabalho.

## **2. Sociedade de Consumo**

Com o advento da atividade econômica de produção, desde a Revolução Industrial, aliada aos avanços intelectuais e científicos, a sociedade se viu cada vez mais aberta a novos bens e serviços, capazes de atender às suas necessidades e desejos. Existem diversas formas de mensurar o desenvolvimento humano, uma das mais importantes é a Expectativa de Vida, a figura 1 demonstra a evolução deste indicador entre o período de 1543 a 2015, comparando a média mundial com 7 países de referência.

Figura 1 – Expectativa de Vida (1543 a 2015)



Fonte: <https://ourworldindata.org/life-expectancy> acesso em: 16/06/2021

De forma errônea, contudo, nasceu uma tendência a aliar crescimento econômico a desenvolvimento social, bem como à felicidade individual. Bauman (2001) argumenta que

Parece que a busca dos seres humanos pela felicidade pode muito bem se mostrar responsável pelo seu próprio fracasso. Todos os dados empíricos disponíveis indicam que, nas populações das sociedades abastadas, pode não haver relação alguma entre mais riqueza, considerada o principal veículo de uma vida feliz, e maior felicidade. (BAUMAN, 2001, p. 05-06).

Associar tais fatores é uma estratégia capitalista no sentido de incentivar um comportamento consumista, capaz de financiar um crescimento de forma desenfreada da produção e, com isso, do lucro. Na síntese de Latouche, “quer queiramos ou não estamos condenados a produzir e consumir cada vez mais. Assim que o crescimento diminui ou para, chega a crise, o pânico, até” (LATOUCHE, 2014, p. 13). O mercado de trabalho também reflete tais características:

As massivas realocações para países com salários muito baixos, a generalização da precariedade e o desemprego aumentaram tanto a competição entre os trabalhadores nos países ocidentais que eles espontaneamente se tornam adeptos de trabalhar mais. Pior ainda, eles concordam em ganhar menos ao mesmo tempo. Nessas condições, o único antídoto para o desemprego permanente é ainda mais crescimento, para a

produção circular, e mais endividamento. No final, o círculo virtuoso se torna um ciclo infernal. [...] (LATOUCHE, 2014, p. 16).

Para conseguir manter tal ciclo produtivo, o sistema se vale de técnicas como a chamada “obsolescência programada”, que consiste em reduzir intencionalmente a vida útil dos produtos comercializados, fazendo com que as pessoas se sintam cada vez mais induzidas a consumir sem limites. A obsolescência programada possui conta com a obsolescência planejada, que é o fato de o produtor colocar propositalmente uma peça defeituosa no produto, para que este tenha o tempo de duração reduzido. A obsolescência psicológica, como o nome sugere, é o fato de fazer as pessoas pensarem que o produto está defeituoso com ajuda de publicidade e propagandas. A obsolescência técnica, por sua vez, é a depreciação real de um produto, que ocorre com o passar do tempo agindo sobre suas peças, seu material, bem como de seu atraso em relação a novas tecnologias. A obsolescência alimentar trata-se de como os produtos alimentícios sofrem também com superprodução e acabam tendo que ser lançados como resíduos antes do tempo certo – uma das técnicas para isso é a de colocar neles uma data de validade abaixo da real para o produto. (LATOUCHE, 2014, p. 33)

Como características, a sociedade de consumo apresenta a necessidade pelo imediatismo, onde tudo passa rápido e a satisfação gerada pela aquisição de um bem/serviço se torna cada vez mais efêmera. Souza *et. al.* (2020) argumentam que:

Nesta sociedade contemporânea a cultura é de consumir, adquirir e juntar e o que se evidencia é o imediatismo e a “necessidade de descartar e substituir”, reflexo também da impaciência dos indivíduos desta sociedade baseada num tempo “agorista”, fruto de uma cultura baseada na instantaneidade e na descartabilidade. (Souza *et. al.*, 2020, p. 90)

O consumismo reúne pessoas com os mesmos comportamentos e características, promovendo a agressividade dos mercados, com oferta dos mais diferentes produtos e serviços que incorporam diferentes formas de atrair o consumidor insaciável. “Estes são os indivíduos mobilizadores desta sociedade contemporânea, seres humanos desenfreados e ambiciosos em satisfazer seus desejos” (Souza *et. al.*, 2020, p. 91).

Quando se trata da satisfação gerada através da compra, discute-se o conceito de “hedonismo”, que consiste em uma percepção subjetiva prazerosa em decorrência de uma compra. Existe a concepção de que a felicidade/satisfação pode estar relacionada à capacidade de consumo de uma pessoa, ou seja, seu poder de compra. Para Borges *et. Al* (2017), no entanto:

(...) os resultados obtidos indicam que isto não ocorre. Ao contrário, observou-se inicialmente que o hedonismo possui uma baixa relação inversa com a felicidade subjetiva, isto quer dizer que as pessoas na qual fizeram uma compra de um produto

inovador que lhes ocasionou um estado de felicidade, prazer ou satisfação na aquisição (hedonismo) são as pessoas que possuem índices de felicidade inferior, sugerindo que pessoas nas quais compram produtos e sentem-se satisfeitas com isto são menos felizes do que aquelas que não sentem tanto prazer ao comprar mais sentem-se mais felizes.

Dessa forma, é importante discutir como o hedonismo, por ser de curto prazo, não pode afetar a satisfação com a vida, que é uma análise de médio e longo prazo.

## 2.1 Consumismo e a sustentabilidade

Em linhas gerais, produzir de forma desenfreada uma vasta diversidade de produtos que têm pouca diferença entre si, com data de validade curta programada, com o único objetivo de alimentar a própria produção em vez de atender necessidades das pessoas não é tão natural quanto parece, e possui efeitos drásticos sobre os recursos naturais, promovendo seu desgaste, que pode até ser irreversível.

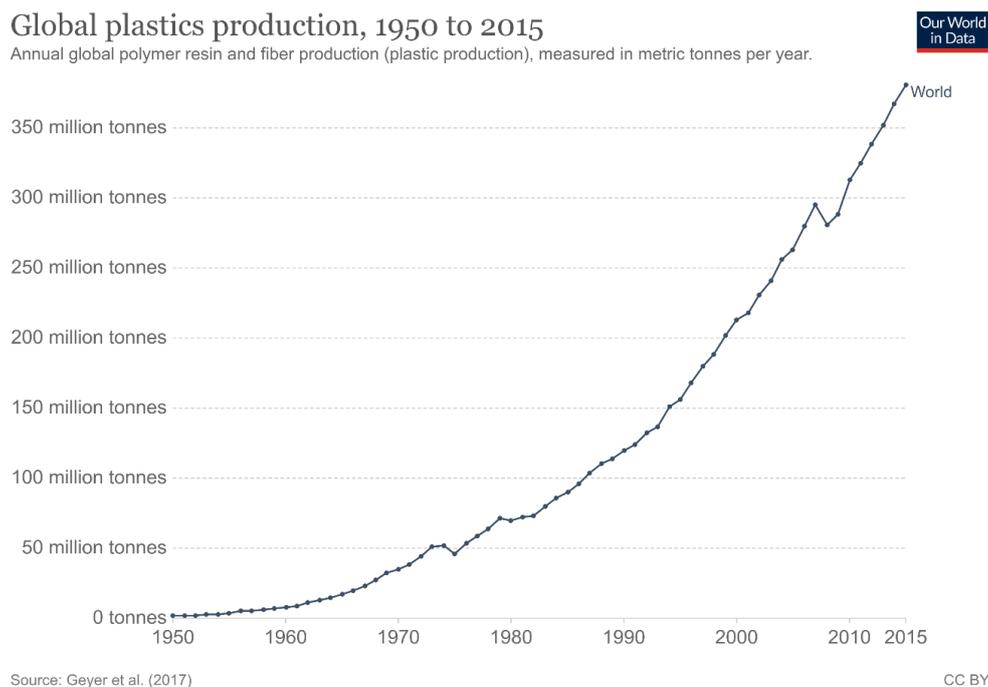
Para Freitas (2011), a sustentabilidade faz oposição à insaciabilidade da sociedade de consumo, em que pese que a primeira “é inclusiva e preserva para além do interesse próprio”, enquanto a segunda “é cruelmente excludente de tudo aquilo que não acarreta benefício apenas no plano imediato”.

Ao passo que os efeitos da insustentabilidade da sociedade de consumo são conhecidos, são também ignorados ao ponto de haver apenas sentido de crescimento nos níveis produtivos, associados ao crescimento temporal da população. Aliás, o crescimento populacional, se não seguido da quebra desse formato em que a sociedade se pauta principalmente na produção e consumo, pode significar níveis alarmantes de escassez dos recursos naturais em breve.

Uma atitude mais sustentável da sociedade pode ser a adoção do chamado “consumerismo”, que, segundo Souza (2019) é um formato de consumo racional, controlado e responsável que considera as consequências econômicas, sociais, culturais e ambientais do ato de consumir. Assim, o formato atual da relação entre a sociedade e o consumo pode passar por uma transformação positiva que, se realizada em tempo hábil, poderá reduzir os efeitos negativos sobre o planeta e, assim, aumentar o tempo de vida útil do próprio ser humano.

Em termos de consumo de derivados plásticos, segundo dados do Our World in Data-Oxford, sua produção vem crescendo de forma exponencial, conforme exposto na figura 2.

**Figura 2 – Produção Global de Plástico (em milhões de toneladas) entre 1950 e 2015**



Fonte: <https://ourworldindata.org/plastic-pollution> acesso em: 16/06/2021

Para isso, é necessária uma mudança de pensamento que deve ser iniciada ainda na infância, através de educação e conscientização. Souza *et. al* (2016). trazem que

Morin acredita na educação como caminho para transpor o paradigma desta cultura consumista, contudo, é necessário também remodelar a estrutura das instituições escolares e pensar numa organização de conteúdos de forma integrada e interdisciplinar. Segundo o autor, a fragmentação dos saberes e a organização dos conteúdos compartimentados em disciplinas culmina em realidades e conhecimentos isolados, é necessário pensar num arranjo do ensino de forma transversal, multidimensional e transnacional

### **3. Panorama Geral da Pandemia de Sars Cov 19**

A pandemia de Covid-19, segundo Relman (2020), teve sua provável origem na província de Hubei, cidade de Wuhan, China. Tratando-se de um betacoronavirus cujo contato com o ser humano deu-se, ao que se especula, através do consumo de animais exóticos e não domesticados, sendo portadores de doenças que, em seus organismos são inertes e não reagentes, porém que, ao entrar em contato com o corpo humano, criam resultados extremamente negativos e com impactos de difícil mensuração.

O primeiro caso da incidência do vírus, segundo estimativas divulgadas pelo escritório regional Europeu da OMS foi registrado em dezembro de 2019. Ainda nesta época, estimava-se que o potencial pandêmico do vírus era baixo e seu impacto mínimo devido a sua baixa taxa de letalidade, restrita até o presente momento quase que exclusivamente a grupos de comorbidades e de faixas etárias mais elevadas.

Segundo matéria da Agência Brasil (EBC), o primeiro caso em território nacional foi registrado em fevereiro de 2020, dois meses após o início da infecção. Desde então, o número de casos vem crescendo e, junto a este crescimento, o número de mortes. Em relação a taxa de mortalidade, Moreira (2020) aponta que existem fatores que impactam essa variável e que fogem ao controle (ao menos de forma direta) como a idade dos infectados e potenciais doenças, entretanto, fatores conjuntários, como a estrutura do sistema de saúde e a disponibilidade de leitos, acabam por impactar influir nesta mortalidade, mostrando que os descuidos e descasos acabam por agir a favor do vírus.

No Município de Manaus, principal caso de estudo do vírus no Brasil e responsável pelo surgimento da variante (P.1), segundo Pereira, Egle e Lorenzi (2020) a mortalidade para grupos maiores de 80 anos era, em julho de 2020, de aproximadamente 60% dos infectados, enquanto a faixa etária de 60 a 79 anos possui uma mortalidade média próxima dos 10%, para as demais faixas etárias a mortalidade ficou limitada em até 2% da população infectada.

Com advento do *home office* e do distanciamento social houve significativa redução das interações e, segundo Werneck et al. (2020) em estudo amostral 4.000 indivíduos (randomizado por sexo, idade e nível educacional), essa redução de interações exprimiu padrões de comportamentos diferentes e menos saudáveis, como: i) Aumento em 18% do número de indivíduos que não praticam atividade física; ii) Aumento em 27% do consumo de mídia televisiva; e iii) Aumento em 4,3% do consumo de alimentos ultraprocessados.

Estes novos hábitos, reflexos do “novo normal”, tiveram impacto significativo nos padrões de consumo da sociedade, desviando a linha de tendência dos padrões existentes. No entanto ainda é cedo para afirmar quais hábitos prevalecerão e quais serão abandonados conforme a situação regredir a patamares prévios aos impostos pela situação de atipicidade gerada na pandemia. Os próximos tópicos irão abordar melhor a questão do consumo.

#### **4. Os Restritivos ao Consumo (Desemprego e Insegurança)**

Para que se possa analisar os novos padrões de consumo é necessário, a priori, analisar a capacidade de consumir da sociedade, pois é desta restrição orçamentária, para Dalbosco

(2015) derivam as escolhas do consumidor, o eterno jogo entre necessidades e capacidades que se consolida neste caso dentro do campo monetário da economia.

No ano de 2020, a taxa média de desemprego segundo o instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) atingiu patamares recordes em 20 estados, aumentando em 1,6 pontos percentuais no acumulado nacional (de 11,9% para 13,5%). Este aumento, em termos absolutos significou uma redução de 7,3 milhões de postos de trabalho. Na análise estadual, as maiores taxas de desemprego apresentadas foram: i) Bahia (19,8%); ii) Alagoas (18,6%); iii) Sergipe (18,4%); e iv) Rio de Janeiro (17,4%).

Todo este quantitativo de indivíduos foi direto ou indiretamente afetado pelo contexto da pandemia. O percentual de famílias com dívidas em atraso saltou de 65,3% em janeiro de 2020 para 66,5% no mesmo mês de 2020, ao aumentar o desemprego, diminui-se a capacidade das famílias em honrar com seus compromissos, bem como aumenta a probabilidade de contração de novos endividamentos, segundo Arruda (2007 apud KOSTER et al. 2004 p. 90) o desemprego é o maior responsável pelo endividamento, não sendo o caso apenas em poucos países, com perfis mais consumistas, como nos Estados Unidos, cujo responsável maior é o sobre consumo de crédito.

Estes restritivos acabam por gerar uma espécie de ciclo vicioso na economia, pois, se considerada verdade a existência de um fluxo circular de renda e um efeito multiplicador dentro da economia, é, fato consumado que a relação oposta dar-se-ia com a retração do nível de atividade econômica, com o desemprego gerado pela pandemia, mais pessoas deixaram de consumir e, ao desaquecer a economia, acaba por gerar novo desemprego.

O ciclo compromete todo o arcabouço do mercado, corroendo seus alicerces e tendendo a nivelar por baixo os novos níveis gerais da economia, cabendo ao Estado impedir a incidência desta queda ou, na pior das hipóteses, reduzir seus efeitos negativos.

Em relação a reinserção desta mão de obra como política redutora de efeitos nocivos do desemprego, Costa (2020) conclui que o movimento precisa ser apoiado por fortes iniciativas do governo, visto o caráter extremo de excepcionalidade das situações de crises e, em função disto, a ineficiência do mercado em reabsorver essa força de trabalho.

Dathein (2003) expõe a necessidade deste caráter participativo do governo para o restabelecimento dos níveis “aceitáveis” de desemprego, mantendo as taxas de desemprego friccional (natural) em patamares que permitam a ação do governo sem necessidade de comprometimento daqueles que estão empregados.

É importante frisar que, essa participação do governo, quando não é possível via geração direta de emprego se dá via programas de transferência de rendas. No Brasil, o

principal programa de transferência de renda é o Bolsa Família, que contava com aproximadamente 14 milhões de famílias beneficiadas e que conta com um efeito multiplicador, isto é, a capacidade de gerar produto (renda) na economia, de R\$ 1,78 para cada R\$ 1,00 gastos com o programa, quase duplicando o produto gerado.

#### 4.1. O Caso do Auxílio Emergencial

Dentre estas participações no ramo de transferência de renda, foi-se criado o “auxílio emergencial”, programa que visava conter os impactos econômicos da crise de COVID 19 via manutenção da possibilidade de consumo. A proposta que inicialmente era de R\$ 200,00 e foi aumentada para R\$ 600,00 (podendo chegar a R\$ 1.200,00 em alguns casos).

O objeto deste programa, conforme Cardoso (2020) era o de fornecer certos níveis de segurança aos trabalhadores informais, fator este que, ainda segundo o autor foi extremamente dificultado pela categorização criada na legislação contemporânea, mas que, em síntese se constituía nas seguintes categorias: i) Microempreendedor individual (MEI); ii) Contribuinte individual da Previdência Social; iii) Inscrito no CadÚnico; e iv) Não enquadrado nas hipóteses anteriores, mediante autodeclaração.

No total, foram aproximadamente 59 milhões de beneficiários, número superior aos atingidos pelo bolsa família, movimentando mais de 1 bilhão em recursos federais em termos de programa de transferência de renda. Em termos de produto interno bruto, segundo pesquisa da FEA-USP estes valores foram responsáveis por segurar a queda do produto interno bruto em 4 pontos percentuais, possibilitando a retomada da atividade econômica em patamares mais elevados que os pares latino-americanos do Brasil.

O impacto do auxílio emergencial, segundo Komatsu, Kawaoka e Menezes Filho (2020) fez-se sentir de forma bastante significativa entre as classes mais vulneráveis. Em um cenário de desemprego, a renda domiciliar per capita sairia do patamar de R\$ 1.404 para R\$ 1.287, sendo uma redução de 8,3%, considerando ainda a alta da inflação de preços dada pela inflação de demanda, a perda real seria de maior magnitude que a ora calculada.

Considerando o pagamento do recurso, a queda, apesar de ainda presente dentro da análise, torna-se menos acentuada, ficando em patamares de R\$ 1.306, redução de 6,98% e, caso houvesse o pagamento indiscriminado e sem requisitos, os autores estimam que haveria aumento no rendimento, ficando no patamar de R\$ 1.427 (aumento de 1,64%).

Logo, evidencia-se inegável relação do auxílio emergencial com os novos padrões de consumo adotados, especialmente por diminuir a restrição do consumo das famílias imposta

pelo caráter de recessão. Esse padrão, limita a bens de primeira necessidade, porém não deixando de atender essa demanda básica da economia.

## **5. Impacto no Comércio Varejista, Padrões de Consumo e Industria**

Ao analisarmos os dados agregados, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo, no ano de 2020 o setor varejista registrou crescimento de 1,2% em termos de volume de vendas. Este crescimento não foi efetivamente positivo para o setor, tendo sido, em oposto, ruim para o setor em análise.

Apenas em 2020, mais de 75 mil lojas varejistas foram fechadas, sendo está a maior retração desde 2016 (resultado da pior recessão recente da história), em termos de postos de trabalho, foram perdidos 25,7 mil postos formais, primeira queda absoluta deste 2016 e tendo como maior impactado o ramo de vestuário.

Os resultados, segunda Silva Neto (2020) destes impactos fizeram com que o setor passasse por uma série de rupturas, como: i) Repensar a Cadeia de Suprimentos – devido as dificuldades logísticas impostas; ii) Capacidade de Adaptação – para ser capaz de gerenciar demandas desconhecidas; iii) A inserção no *e-commerce*.

Em relação aos padrões adotados pelos consumidores, o Estudo da EY Parthenon em conjunto com a veja insights realizado com 1.003 consumidores identificou as seguintes características de comportamento:

i) A redução para o essencial se apresentou em 54% dos entrevistados, este resultado impacto o comércio de itens como cosméticos, vestuários etc.;

ii) Priorizaram-se os itens relacionados a higiene, tanto pessoal (79% dos entrevistados) quanto da casa (59% dos entrevistados);

iii) Aumento do *E-commerce*: 62% dos entrevistados passaram a não frequentar lojas físicas, mesmo após a sua reabertura e 32% aumentaram sua cesta de consumo on-line, fazendo mercado e comprando bens de maior valor.

Os resultados desta mudança de padrão de consumo foram sentidos no setor de *e-commerce* que teve seu faturamento acrescido em 56,8%, chegando ao montante de 41,92 bilhões de reais movimentados no ano de 2020.

Dentro do ambiente virtual, notou-se que o comportamento do crescimento das vendas foi em contramão ao perfil conservador adotado pelo consumidor, tendo os itens de baixa necessidade (mais supérfluos) crescido a taxas não antes vistas, segundo a Associação

Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), os valores registrados por ordem de crescimento foram:

**Tabela 1** – Crescimento e Faturamento do *E-commerce*, por segmento, durante os primeiros 5 meses de 2020.

Posição	Setor	Crescimento	Faturamento
1ª	Beleza e Perfumaria	107,4%	2,11 Bilhões
2ª	Móveis	94,4%	2,51 bilhões
3ª	Eletrônicos	85,7%	1,02 bilhão
4ª	Eletrônicos	68,4%	3,93 bilhões
5ª	Esporte e Lazer	66,8%	1,57 bilhão
6ª	Telefonia	52,2%	7 bilhões
7ª	Eletrônicos	51,0%	4,21 bilhões
8ª	Informática	46,7%	4,20 bilhões
9ª	Moda e Acessórios	34,9%	4,1 bilhões
10ª	Ar e Ventilação	17,2%	1,22 bilhão

Fonte: Elaboração Própria com Base em dados da Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm)

Dos principais grupos, em termos de receita gerada, aproximadamente 75,59% podem ser associados aos padrões de trabalho em casa (*home office*) e a diferença de 24,41% a estilo de vida, caracterizando gastos que, de certo modo são não essenciais, principalmente para o período de distanciamento social.

Os padrões consumistas da sociedade foram importados para a pandemia através dos *E-commerce* que, ao imprimir certa normalidade na operação, acaba por passar confiança no consumidor que passa a se sentir mais confortável em despendar montantes em itens que não dispenderia em situação normalizadas.

Em relação ao impacto na atividade industrial, segundo Marcato (2020), mesmo nos cenários otimistas o valor agregado da indústria da transformação, bem como seu fluxo de importações, postos de trabalho (e salários) apresentariam redução dos seus níveis de atividade, redução esta que se justifica pelo desaquecimento da cadeia global de suprimentos.

As cadeias consolidadas e globais precisam de funcionamento harmônico para poderem desempenhar de maneira satisfatória seu papel, a pandemia criou assintonia entre estas cadeias e acabou por resultar em problemas globais de suprimento, o maior exemplo destes foi o ocorrido com a indústria de microcomponentes de informática que, no ano de 2020 teve seu processo, desde a aquisição dos materiais até a capacidade de transportar, resultando

em aumento dos preços (mesmo durante período de retração da demanda). Outros segmentos foram impactados por essa dissonância no setor industrial.

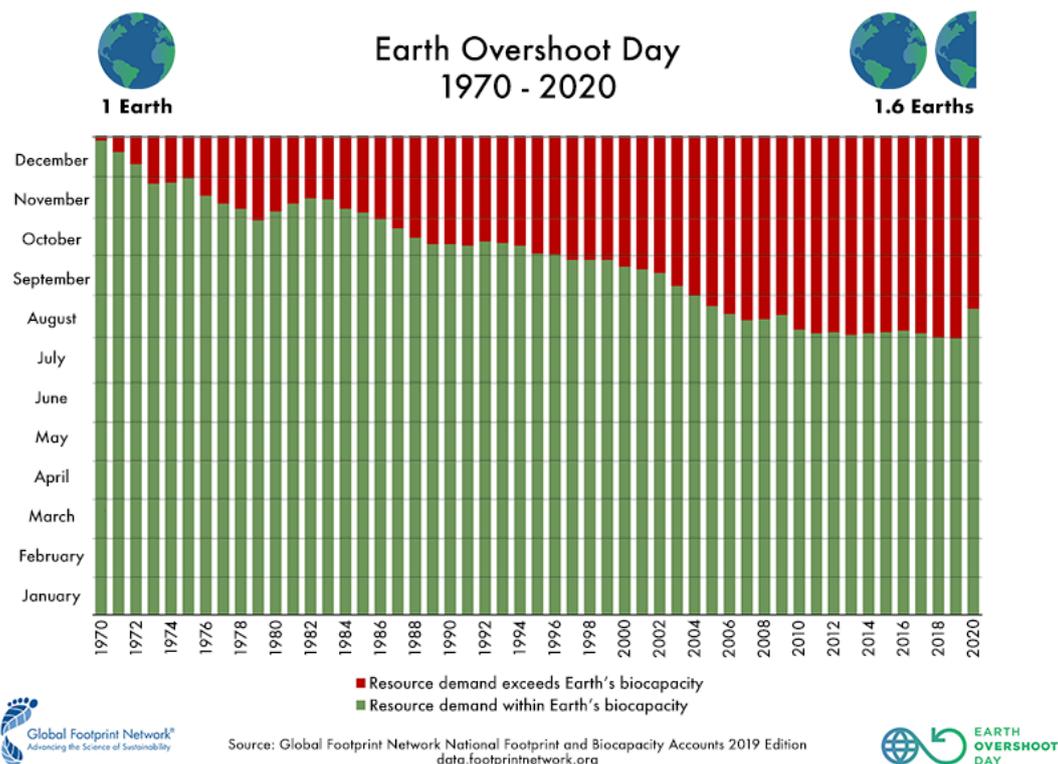
## 6. Impacto na Ambiente e Propostas para Retomada da Sustentabilidade

O capitalismo predatório vem gerando estresse ambiental desde sua consolidação quanto sistema econômico, segundo Grossi (2009) aponta que este é apenas um dos passos no ciclo de impacto ambiental do capitalismo, esse estresse impacta na redução do produto gerado com esses recursos, bem como em sua qualidade, implicando em redução dos padrões de qualidade de vida da humanidade.

Este impacto vem sendo cada vez mais severo no ambiente, de acordo com o *Earth Overshoot Day* (Dia de Sobrecarga da Terra) que mede o impacto da atividade industrial sobre a capacidade regenerativa em termos de dias do ano, em 2019 toda consumo de recurso que ocorreu a partir de meados do mês de julho gerou estresse adicional ao ambiente que não seria capaz de ser recuperado no mesmo ano.

A figura a seguir demonstra a evolução desta sobrecarga sobre o planeta terra.

**Figura 1 – Dia de sobrecarga da Terra**



Fonte: [https://www.overshootday.org/content/uploads/2020/07/2020\\_Past\\_EOD\\_full\\_year\\_small.png](https://www.overshootday.org/content/uploads/2020/07/2020_Past_EOD_full_year_small.png). 2021

A tendencia do período é a de redução anual do momento de “ruptura” da capacidade da terra de se recuperar e, considerando que sua regeneração de acordo com a organização se dá de forma exponencial, quanto mais demorado para se iniciar o processo de recuperação ambiental, piores serão as medidas necessárias a serem tomadas. Atualmente são consumidos recursos anuais que, para serem recuperados, precisariam ser extraídos de 1,6 planetas terras.

No ano inicial da pandemia (2020), mesmo com a redução do produto interno bruto mundial de 3,21%, o que implica em redução da atividade industrial, só se fez necessário o consumo de um mês incremental para que o planeta não tivesse capacidade regenerativa para aportar a produção em um ano que, em termos de esgotamento ambiental, deveria ser de baixo impacto.

Nem mesmo a redução da atividade industrial causada pela pandemia do coronavírus foi suficiente para permitir a recuperação ambiental, para isso, são necessárias políticas de impacto no curto prazo, mas que, ao mesmo tempo se intensifiquem e desenvolvam melhor no longo prazo, permitindo cada vez mais a redução do uso de recursos naturais para a satisfação das necessidades sociais.

Estas políticas correspondem a acordos que, de acordo com Frias e Maida (2017) por seu caráter de impacto global, devem ser tomados por conjunto de países e que sejam gerados efetivos compromissos que impactem negativamente toda transgressão destes tratados, deixando de minimizar os impactos do esgotamento ambiental ao passo que se deixa de superestimar seu custo de manutenção.

Estes debates estão em voga no contexto mundial e, em certo nível, no próprio contexto nacional. Entretanto, poucos são os que possuem diretrizes suficientemente fortes para de fato reverter o impacto gerado, mesmo que no longo prazo. Parte desta inexistência de medidas eficientes é explicada por Vieira e Gasparini(2020), que concluem pela incapacidade de um governo democrático em gerar e manter políticas impopulares, em especial aquelas relacionadas ao ambiente, devido a incapacidade de a massa populacional realizar relações intertemporais de benefícios indiretos.

Se faz necessário, com cada vez mais urgência, a tomada firme de decisões que possibilitem a manutenção dos recursos naturais e de padrões de vida menos focados no consumismo para que se possam iniciar os processos de reversão da degradação ambiental, tendo ciência que, mesmo com o máximo de esforço empregado, talvez não seja possível recuperar o ambiente nos níveis que ele se apresentava.

## 7. Conclusão

É certo que os avanços econômicos tiveram efeitos positivos para a sociedade, especialmente no nível de desenvolvimento da própria humanidade. No entanto, com o passar do tempo, deixou-se de pautar na produção para atendimento das necessidades humanas para o abastecimento de seus desejos, que são ilimitados. Isso fez com que a produção e o consumo se tornassem o foco das atividades humanas, gerando consequências negativas não apenas na sociedade, mas também no meio ambiente.

A pandemia de COVID 19 impactou diretamente na relação indústria, varejo e consumo, se por um lado, no input desta relação houve escassez de materiais para fornecer a quantidade de produtos efetivamente necessária, se tornando gargalo da relação, o varejo passou por rupturas e, com ênfase nas vendas virtuais conseguiu aumentar seu volume comercializado transmitindo sensação de normalidade ao consumir.

Este Consumidor, por sua vez também teve seu perfil modificado, a priori passou por uma retenção de demanda, focando apenas no consumo de itens considerados essenciais, visto a insegurança de manutenção de emprego gerada no período e após este momento inicial e com os auxílios governamentais e certo nível de segurança de que estaria amparado pelo Estado, passa novamente por mudança no padrão de consumo, agora realizando dispêndios em itens para se adequar à nova realidade (home office)

Em termos ambientais, o impacto da pandemia ao passo que significou uma folga do recurso ambiental face a seu esgotamento, também se mostrou ineficiente quanto a este mérito, dando sobrevida ao recurso mas, mesmo assim, não possibilitando que seu consumo ocorresse de forma reduzida o suficiente para que este impacto fosse significativo.

Parte desta ineficiência se deve ao próprio caráter de atipicidade da pandemia, que apesar de perdurar por um longo período e, certamente, deixar padrões de comportamentos que serão mantidos mesmo após a sua resolução, não representa uma ruptura do padrão de comportamento social de consumo, sendo mais uma desarmonia que uma mudança efetivada em si mesma.

O cenário atual é de sobrecarga do recurso ambiental e, relativo a isto, pouco se discute em termos de política, dada a impopularidade destas medidas. Já no âmbito privado, o incentivo para o esgotamento destes recursos é cada vez maior, considerando que o padrão da sociedade de consumo é a de aumentar suas demandas conforme atendem aquelas previamente existentes.

A tendência atual dos dados aponta para a chegada de um momento irreversível do ponto de vista do esgotamento do recurso ambiental que, implicará a desmobilização de toda a economia produtiva mundial, bem como a redução de todos os indicadores de qualidade de vida atingidos nas últimas décadas.

## Referências

ABDALA, Vitor. Endividamento de famílias cresce em janeiro e chega a 66,5%. **Agência Brasil**, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/endividamento-de-familias-cresce-em-janeiro-e-chega-665>. Acesso em: 15 jun. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Arte da Vida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro.: Jorge Zahar Ed. 2001. p. 05-06.

BORGES, Gustavo da Rosa; CONSTANTE, Adriana Kriek; MACHADO, Denise del Prá Neto. A Influência do Hedonismo sobre a Felicidade e a Satisfação com a Vida. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 7, n. 1, p. 30-48, ago. 2017. ISSN 2237-7956. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/raimed/article/view/1265/1246>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CARDOSO, Bruno Baranda. A implementação do Auxílio Emergencial como medida excepcional de proteção social. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 1052-1063, 2020.

COM pandemia, 20 estados têm taxa média de desemprego recorde em 2020. Agência IBGE Notícias, 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CORONAVIRUS Disease (COVID-19) pandemic. **World Health Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/novel-coronavirus-2019-ncov>. Acesso em: 10 jun. 2021.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 969-978, 2020.

COVID-19 Brief: Impact on Food Security. **U.S. Global Leadership Coalition**, 2021. Disponível em: <https://www.usglc.org/coronavirus/global-hunger/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

DALBOSCO, Laudecir et al. MACROFUNDAMENTOS DE CONSUMO: uma abordagem das teorias do do comportamento do consumidor. **Desenvolvimento Socioeconômico e Sustentabilidade**, p. 129, 2015.

DATHEIN, Ricardo. **Teorias econômicas e políticas contra o desemprego**: Uma avaliação das diferentes propostas. Faculdade de Ciências Econômicas-Departamento de Ciências Econômicas. Texto para discussão, n. 8, 2003.

DESEMPREGO na Covid supera o pior da mais longa recessão. **Folha de São Paulo**, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/02/desemprego-na-covid-supera-o-pior-da-mais-longa-recessao.shtml>,. Acesso em: 10 jun. 2020.

EARTH Overshoot Day. 2020. Disponível em: [https://www.overshootday.org/newsroom/infographics/2020\\_past\\_eod\\_full\\_year\\_small/](https://www.overshootday.org/newsroom/infographics/2020_past_eod_full_year_small/). Acesso em: 15 jun. 2021.

FATURAMENTO do e-commerce cresce 56,8% neste ano e chega a R\$ 41,92 bilhões. Associação Brasileiro de Comércio Eletrônico – ABCOMM, 2020. Disponível em: <https://abcomm.org/noticias/faturamento-do-e-commerce-cresce-568-neste-ano-e-chega-a-r-4192-bilhoes/>

FATURAMENTO do e-commerce cresce 56,8% neste ano e chega a R\$ 41,92 bilhões. Mercado & Consumo, 2020. Disponível em: Ver mais em: <https://mercadoeconsumo.com.br/2020/06/25/faturamento-do-e-commerce-cresce-568-neste-ano-e-chega-a-r-4192-bilhoes/>

FREITAS, André Ricardo Ribas; GIOVANETTI, Marta; ALCANTARA, Luiz Carlos Junior. Variantes emergentes do SARS-CoV-2 e suas implicações na saúde coletiva. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 4, 2021.

FREITAS, Juarez. **Sustentabilidade** - Direito ao Futuro. Belo Horizonte: Fórum, 2011. p. 76.

FRIAS, A. F.; MAIDA, Fernando. A política ambiental e a necessidade de estadismo global. **Ecodebate**, jul-2017. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2017/07/19/politica-ambiental-e-necessidade-de-um-estadismo-global-artigo-de-aparecida-ferreira-frias-e-fernando-maida/>. Acesso em: 15 jun. 2021

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41.

GROSSI, Mônica Aparecida. Capitalismo e questão ambiental: contribuições da tradição marxista. **Libertas**, v. 9, n. 1, 2009.

IPEA: cada R\$ 1 gasto com Bolsa Família adiciona R\$ 1,78 ao PIB. **G1**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/10/ipea-cada-r-1-gasto-com-bolsa-familia-adiciona-r-178-ao-pib.html>

JUSTO, Gabriel. Auxílio emergencial segurou a queda do PIB de 2020 em pelo menos 4%, diz estudo. **Exame**, 2021. Disponível em: <https://exame.com/economia/auxilio-emergencial-segurou-a-queda-do-pib-de-2020-em-pelo-menos-4-diz-estudo/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

KOMATSU, Bruno Kawaoka; MENEZES-FILHO, Naercio. **Simulações de impactos da COVID-19 e da renda básica emergencial sobre o desemprego, renda, pobreza e desigualdade**. São Paulo: Policy Paper, 2020.

LATOUCHE, Serge. **Hecho para tirar**: La irracionalidad de la obsolescencia programada. Traducción del francés de Rosa Bertrán Alcázar. Barcelona: Octaedro, 2014. p. 13.

MARCATO, Marília Bassetti; TORRACA, J. Impactos da COVID-19 na indústria de transformação do Brasil. **Textos para Discussão**, IE/UFRJ, n. 19, 2020.

MELLO, Bernardo; VENTURA, Manoel; PORTINARI, Natália. Bolsonaro planeja turbinar Bolsa Família de olho na popularidade para 2022. **O Globo**, 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-planeja-turbinar-bolsa-familia-de-olho-na-popularidade-para-2022-25059160>

MENDES, Felipe. Covid-19 faz comércio varejista perder 75 mil lojas em 2020. **VEJA**, 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/covid-19-faz-comercio-varejista-perder-75-mil-lojas-em-2020/>

MOREIRA, Rafael da Silveira. COVID-19: unidades de terapia intensiva, ventiladores mecânicos e perfis latentes de mortalidade associados à letalidade no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00080020, 2020.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p 13. Apud: SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; CARDOSO, J. C. O.; BERNARDES NETO, N. A (In)Sustentabilidade da Sociedade de Consumo: Educação como Caminho para o Consumo Consciente e Sustentável – do Consumismo ao Consumerismo.

MORTES por Covid-19 no mundo podem ser o dobro do estimado, segundo estudo. **CNN**, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/08/mortes-por-covid-19-no-mundo-podem-ser-o-dobro-do-estimado-segundo-estudo>. Acesso em: 10.jun.2021.

O QUE é o novo coronavírus?. **Fundação Oswaldo Cruz**, 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus>. Acesso em: 10. jun. 2021.

PARTHENON, EY. Consumo e Pandemia: as mudanças de hábitos e padrões de comportamento provocados pelo coronavírus. **VEJA**, 2020. Ver mais em: <https://veja.abril.com.br/insights-list/insight-3/>

PASOLD, César Luiz. **Metodologia da Pesquisa Jurídica**: teoria e prática. 14 ed. Florianópolis: EMais, 2018. p. 94.

PEREIRA, Henrique; Egle, Danilo; Lorenzi, Bruno. A evolução da letalidade da pandemia de Covid-19 por faixa etária no município de Manaus. **Atlas Amazonas – Especial COVID-19**. 2020

RELMAN, David A. Opinion: To stop the next pandemic, we need to unravel the origins of COVID-19. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 117, n. 47, p. 29246-29248, 2020.

SANTOS, Leonardo Pozza dos et al. Tendências e desigualdades na insegurança alimentar durante a pandemia de COVID-19: resultados de quatro inquéritos epidemiológicos seriados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, 2021.

SILVA NETO, Genésio Renovato da; ANDRADE, Norberto Almeida de; RAINATTO, GIULIANO Carlo. Mudando a forma de fazer varejo. In: 13º Congresso Latino Americano de Varejo e Consumo: “After COVID-19: Building Purpose through Stakeholders in

Retailing” – CLAV, 2020. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ocs/index.php/clav/clav2020/paper/view/7479/2236>. Acesso em: 15 jun. 2021.

SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de. SOARES, Josemar Sidinei. Sociedade de Consumo e o Consumismo: Desafios da Contemporaneidade. In: SOUZA, Maria Claudia da Silva Antunes de Souza (org.). **Sociedade de consumo e a multidimensionalidade da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2019, p. 49-66. p. 54.

SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de; CARDOSO, J. C. O.; BERNARDES NETO, N. A (In)Sustentabilidade da Sociedade de Consumo: Educação como Caminho para o Consumo Consciente e Sustentável – do Consumismo ao Consumerismo In: **Governança e Sustentabilidade: desafios e perspectivas**. 01 ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020, v.01, p. 90.

VIEIRA, Paulo Freire; GASPARINI, Marina Favrim. Ainda podemos escapar do Homo destructor? Um apelo à lucidez e à coragem. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 53, 2020.

WERNECK, André Oliveira et al. Mudanças de comportamentos saudáveis durante a quarentena por conta da pandemia do COVID-19 entre 6.881 adultos brasileiros com depressão e 35.143 sem depressão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4151-4156, 2020.

ZERRENNER, Sabrina Arruda. **Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2007.